

Fogo destrói exposições e acervo do MAM em meia hora

Em 30 minutos, um incêndio destruiu ontem de madrugada praticamente tudo no segundo e terceiro andares do Museu de Arte Moderna, no Parque do Flamengo; das mil obras do acervo restaram umas 50. O Corpo de Bombeiros, logo avisado, mandou primeiro duas viaturas na suposição de ser apenas um princípio de incêndio. O reforço chegou ao MAM uma hora após o início do incêndio, na Sala Corpo e Som, às 3h25m.

Foi nessa hora que o vigia Antônio Cartaxo, 41 anos e há oito no MAM, sentiu cheiro de fumaça; ele estava no térreo: "Falei com o PM que estava de plantão aqui. Ele me disse que o Centro de Operações da PM foi logo comunicado. Depois desliguei a chave geral e tentei me livrar da fumaça. Não ouvi nenhum estrondo". O vigia afirmou que tentara usar um extintor, mas estava enguiçado ("o gatilho da mola não funcionou").

Testemunha

O Sr José Geraldo Pereira, assessor de Turismo do Governo de Minas Gerais, passava pelo MAM às 3h50m, quando o fogo não era muito intenso. Seu filho, Pedro Luis, 16 anos, correu à Delegacia Policial da Rua Santa Luzia e na mesma hora chegaram dois carros do Corpo de Bombeiros; a mangueira de um deles estava furada:

"Eles praticamente não conseguiram trabalhar com ela. Só 20 minutos depois — ou seja, uma hora depois de começado o incêndio — chegaram mais carros, desta vez até com escada Magirus. Mas já não havia quase mais nada para se salvar".

O incêndio começou na Sala Corpo e Som, onde na noite anterior se apresentara o conjunto musical chileno Água, e logo atingiu o segundo pavimento do Bloco de Exposições (havia a mostra Arte Agora III). Os tubos de ventilação e o material facilmente combustível ajudaram a propagação do fogo. O andar térreo não foi atingido, assim como o Bloco Escola.

Uma das primeiras pessoas a perceber o fogo foi o vigia Miguel Rodrigues dos Santos, que conversava com os vigias João José de Franca e José Leandro de Moraes. Um quarto vigia, Cartaxo, tentou usar um extintor, mas a fumaça logo o obrigou a sair da área, contou que não pôde ir ao subsolo abrir o registro geral, que abasteceria as mangueiras do prédio.

O Quartel Central do Corpo de Bombeiros primeiro mandou para o MAM duas viaturas, comandada pelo aspirante Mário, que recebeu reforço de oito viaturas e duas escadas Magirus. O calor rompeu a rede de água do prédio e logo destruiu as estruturas de alumínio anodizado e as vidraças (segundo o Sr Draut Ernany, um dos fundadores do MAM, só essas estruturas de acabamento custaram cerca de Cr\$ 1 milhão 700 mil em 1967).

Todo o cuidado

A diretora-superintendente do MAM, Heloisa Aleixo Lustosa, acompanhada do vice-presidente Gilberto Marinho (ex-senador), afirmou que havia grande preocupação com a segurança, considerando "levianas" as afirmações do vigia Antô-

nio Cartaxo sobre o extintor enguiçado. Ela e o administrador do Museu, Luis Vieira, procuraram o vigia por todo o prédio, mas já passava de 13h e ele tinha ido embora (trabalha de 19h às 12h).

O Sr Camilo Esper, assessor da Sr Heloisa Lustosa, garantiu que havia especial cuidado para que nada ocorresse com os extintores, cerca de 100 e distribuídos pelo prédio conforme instruções da empresa de seguros (a AJAX): "Tanto assim que a carga era renovada até dois meses antes do prazo de validade".

A Sra Heloisa Lustosa também garantiu a qualidade dos extintores: "Periódicamente fazíamos revisão nos extintores e o prazo de validade da carga ia expirar agora em agosto. Já estávamos atentos para a recarga. Não tínhamos *sprinklers* porque o sistema de prevenção do Museu era mais antigo, anterior portanto ao aparecimento desse equipamento. As divisórias dos salões eram, de fato, todas de madeira, mas é assim em todos os museus do mundo".

Logo após chegar ao MAM, o Governador Faria Lima ouviu, a pedido da Sra Heloisa Lustosa, o relato do Sr José Geraldo Pereira sobre a atuação dos bombeiros. O Governador nada comentou e insistiu na perda para a cultura, a qual considerou "irreparável". Classificou a recuperação do MAM "um trabalho de todos nós", mas não prometeu verba especial.

Causas

O perito Luis César da Veiga Pires, do Instituto de Criminalística Carlos Eboli, vistoriou o prédio em 40 minutos, acompanhado do delegado Alexandre Magalhães, da 3a. DP. Informou que as estruturas não foram afetadas e liberou o prédio: ele terá 48 horas para preparar seu laudo.

No palco da Sala Corpo e Som ainda havia um tapete e um dos integrantes do grupo musical Água, Polo Cabrera, contou: "Não houve qualquer problema técnico e o som funcionou muito bem. Não notamos nenhuma anormalidade quando fomos embora e guardamos nossos instrumentos numa espécie de lixeira, no térreo. Graças a Deus os instrumentos estão intatos".

A Sra Heloisa Lustosa duvidou que a causa do incêndio fosse curto-circuito no sistema de som da sala, porque os fios estavam perfeitos, todos encapados, segundo me garantiu o nosso electricista Roberto Santos, que é um técnico de muita responsabilidade".

Cinemateca

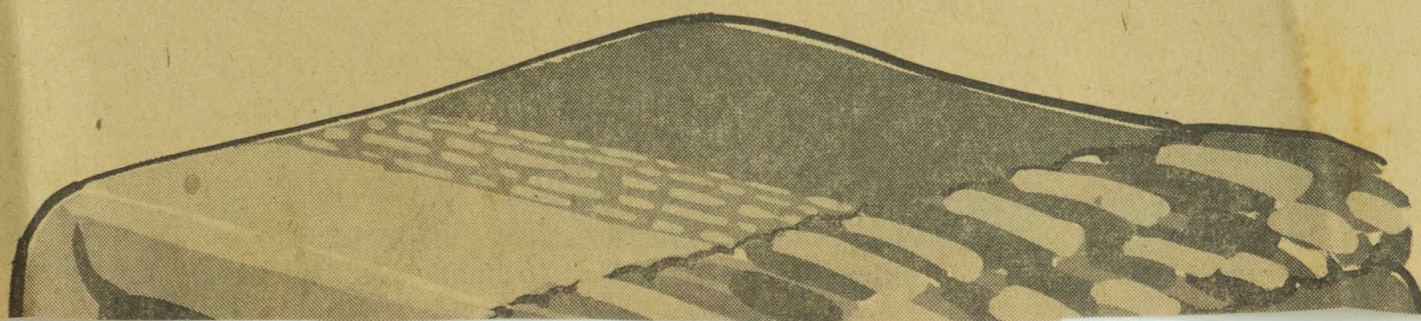
O vice-diretor da Cinemateca do Museu, Aluisio Leite, percorreu as instalações dela, pouco após o incêndio e constatou que apenas a tela e parte das cadeiras do auditório foram danificadas. Cerca de 16 mil filmes e 15 mil pastas sobre o cinema brasileiro foram salvos.

Os filmes estavam num depósito, no subsolo do Bloco-Escola; as salas da direção e da recepção estão apenas com o teto danificado, além de paredes chamuscadas, mas é impossível manter as atividades da Cinemateca no local. Já foi decidido que ela funcionará provisoriamente no Bloco-Escola, a partir de quarta-feira.

SUPER OFERTAS

Sears

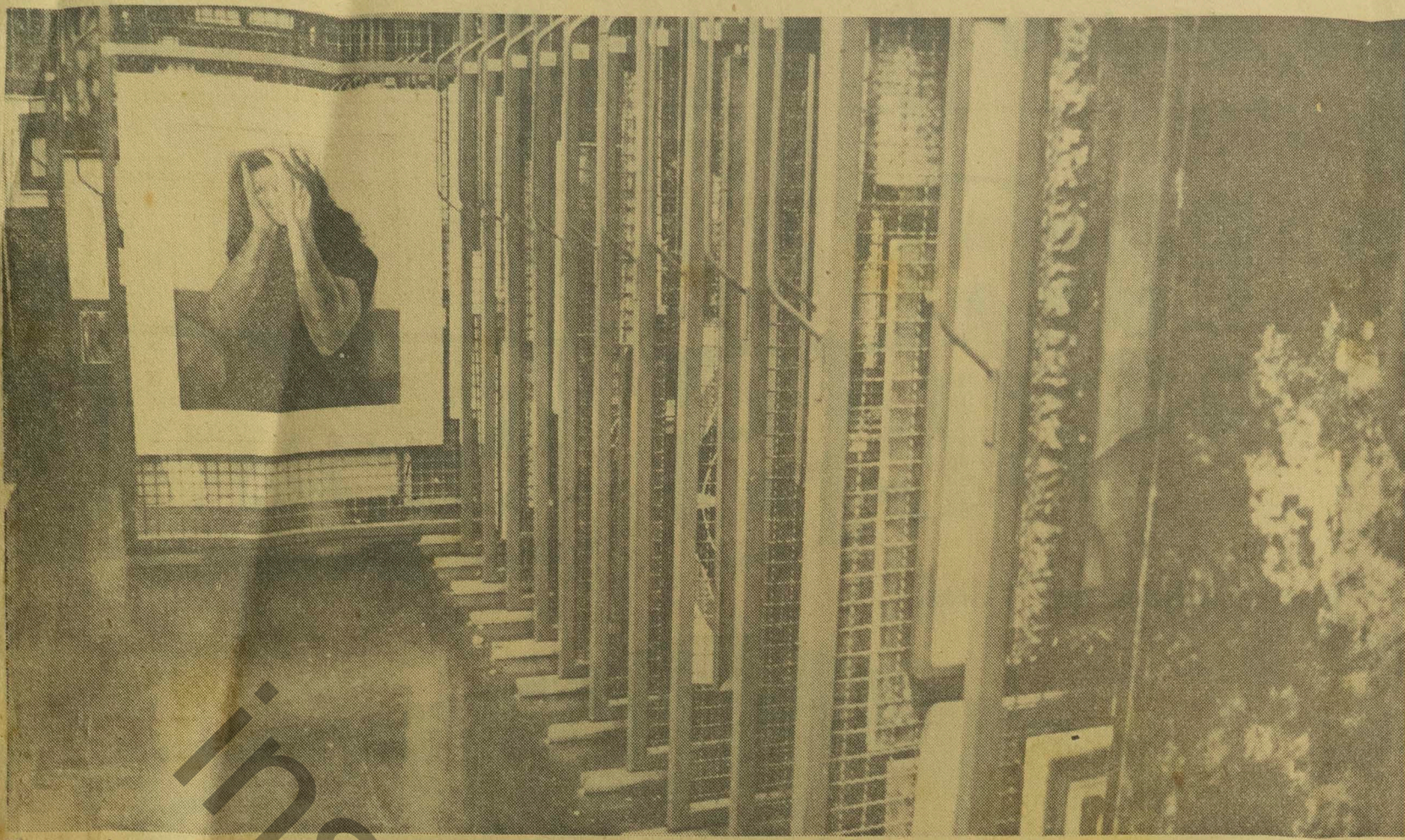
Preços válidos por 3 dias.



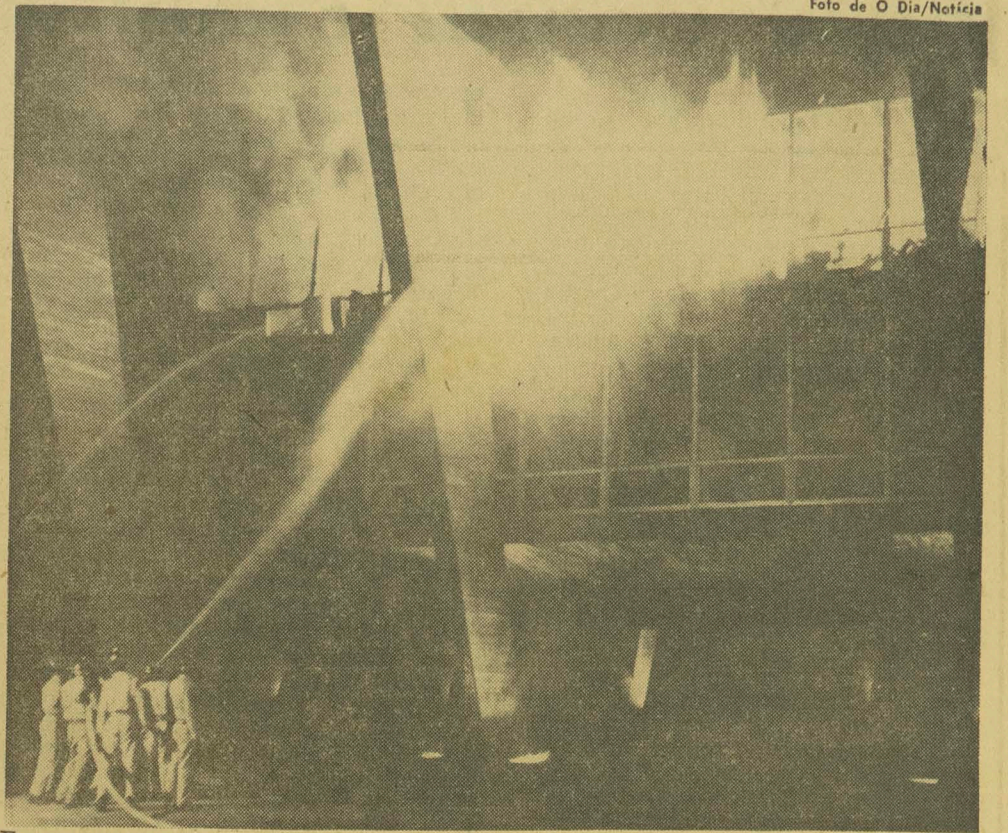
arte contemporânea



Faria Lima ladeado pelo Sr Gilberto Marinho e Sra Heloisa Lustosa



No terceiro andar estava o acervo: cerca de mil peças armazenadas. Ao fundo, Mulher Chorando, de Portinari



Em poucos minutos o fogo do segundo andar passou para o terceiro

Direção do MAM estima gastos no prédio em Cr\$ 150 milhões

A recuperação do prédio do MAM, incluindo um sistema contra incêndio, custará Cr\$ 150 milhões; esta foi a primeira estimativa da diretoria, que se reuniu logo na manhã de ontem. A diretora-executiva Heloisa Lustosa pediu "uma espécie de situação de calamidade pública", para que o Governo dê recursos especiais para a reconstrução do Museu. Emocionada e trêmulo a ponto de não conseguir escrever o título da tela de Salvador Dalí que doara ao MAM há 25 anos (*Oeuf sur le plat, sans le plat*), o Embaixador Hugo Gouthier, conselheiro do Museu, viu os estragos e desabafou: "Não há dinheiro que substitua essa tragédia". Logo depois voltou para casa, onde a diretoria se reuniu.

A reunião contou com o Embaixador, a Sra Heloisa Lustosa, o vice-diretor Gilberto Marinho e o diretor financeiro Leonidas Bório, que informou que somente amanhã será possível um levantamento preciso dos prejuízos. Resolveram apenas que amanhã haverá novo encontro, quando tentarão reunir toda a documentação do MAM para começar uma campanha pela sua recuperação, com apoio do Governo e de empresas privadas. Um grupo de artistas plásticos (Vergada, Lóio Pércio, Kate Van Scterbenberg e Adriano de Aquino), da recém-fundada Associação Brasileira de Artistas Plásticos esteve no apartamento do Embaixador para oferecer apoio à campanha; anunciaram para quarta-feira uma reunião no Museu, para discutirem as consequências do acidente.

Afirmaram que o incêndio deveria ser tomado como um alerta, pois quase todos os museus brasileiros estão sujeitos a problemas semelhantes, por falta de sistemas de prevenção.

A tarde, no MAM, a chefe do Serviço de Patrimônio e Acervo, Isaura de Carvalho (20 anos no posto), afirmou que só depois de terça-feira terá bases para saber o que poderá ser restaurado. Ela separava telas e esculturas aparentemente recuperáveis, enquanto empilhava na sala o que estava irremediavelmente perdido.

Depois de falar por telefone com o diretor do Museu de Belas-Artes de Montevideu, Angel Kalenberg, que parecia não acreditar na perda total da coleção do uruguaio Joaquín Torres García, a Sra Heloisa Lustosa começou a ajudar na identificação dos trabalhos salvos. Um deles é *Jungle Form*, de Serge Poliakoff (um dos introdutores do tatismo), e doado por Nelson Rockefeller.

Considerou recuperável um quadro-objeto de Carlos Vergara, mas achou difícil restaurar *Interieur*, de Jean Pougny; no chão, um Guignard queimado pela metade. Das esculturas foram salvas obras de Vitor Marchese, Alfredo Ceschiatti, Henry Laurens, Martha Pan, Alicia Penalba, Celso Antônio, Hans Arp, Júlio Gero, Luiza Miller e Alberto Giacometti. Ligeiramente danificadas estavam peças de Jacques Lipchitz (*L'Europe*), Maurício Salgueiro (*O Pássaro*) e Vitor Brecheret.

Na sala havia ainda um quadro de Djanira (*Fazen-*

da de Chá de Itacolomi) e outro de Glauco Rodrigues quase perfeitos, mas um de Ivan Serpa não tinha mais recuperação. O grande painel de Georges Mathieu nada sofreu, pois estava na parede do hall do Bloco Escola, que nada sofreu.

Dos desenhos e gravuras do acervo restaram três desenhos de Amílcar de Castro, autor também de três esculturas que nada sofreram.

A tarde, a Sra Heloisa Lustosa informou que hoje haverá uma reunião para tratar da situação dos 104 empregados do Museu e, talvez, de outras questões financeiras (segundo o conselheiro Ataíde Lopes, os salários estão em dia); também se discutirá formas para manter as atividades do MAM, com exposições e programações da cinematoteca na área não atingida.

ESPANTO

"Minha Nossa Senhora, o restaurador e diretor do Museu Nacional de Belas-Artes, Edson Mota, se chocou ao ver o que restara do acervo do MAM. Ele fora até lá examinar as possibilidades de restauração, além de levar "minha solidariedade à diretora do Museu". Depois, disse que um quadro ou outro poderá ser recuperado.

Também esteve no MAM a artista plástica e cineasta Ligia Pape: "Isto significa um grande prejuízo para a cultura brasileira, que já tem tão pouco em termos de espaço cultural." Ela estava preparando com o crítico Mário Pedrosa a exposição *Alegria de Criar, Alegria de Viver* sobre os índios brasileiros.

Artistas se dizem perplexos

Perplexidade "frente à indigência em que vivem as casas de cultura" e a necessidade do poder público de "assumir a responsabilidade da reconstrução" do Museu de Arte Moderna foram expressas em nota oficial da Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, distribuída horas depois do incêndio. Ponto-de-vista semelhante é o do crítico Mário Pedrosa: "É preciso clamar pela necessidade do Governo e das pessoas que tenham alguma possibilidade de ação unirem-se para ver se podemos restaurar esta obra, para que o Brasil não deixe de ter esta jóia mais autêntica da arquitetura e da cultura do país."

"A Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais vem através de nota oficial declarar sua perplexidade frente à indigência em que vivem as casas de cultura como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro que, totalmente desprovido de mecanismos de segurança, viu em 40 minutos destruídos não só o seu acervo como o seu espaço, que pertence à comunidade para visitação da produção de arte, bem como um dos campos importantes de atuação dos artistas.

A ABAPP é de opinião que o poder público tenha a obrigação de assumir a responsabilidade de reconstrução desse museu, bem como a partir desse desastre for-

necer condições a outras instituições do gênero para poderem e o dignamente preservar o patrimônio cultural do país.

A ABAPP considera que pela gravidade da perda, filigranas burocráticas não devem impedir que os Governos municipal, estadual e federal assumam totalmente o compromisso financeiro de devolver ao país ao menos no que pode ser reconstruído, já que os trabalhos de arte consumidos no incêndio são perda irreversível. Que a reconstrução desse espaço deve estar orientada somente por interesses culturais e nessa medida os artistas estariam dispostos a contribuir na conceituação dessa reconstrução.

Museóloga quer arte protegida

Para Maria Eliza Carrazoni, ex-diretora do Museu de Belas Artes, "a catástrofe que ocorreu no MAM pode se repetir em outros museus brasileiros, pois não existe uma conscientização para resguardar a arte, não só contra roubos, mas também contra incêndios. Não estamos sequer dentro das normas de segurança internacionais" para museus.

O Instituto de Arquitetos do Brasil (Departamento do Rio) acha que o incêndio no MAM é apenas uma manifestação concreta do pro-

cesso de negação e abandono da cultura brasileira. E, a presidente do International Council of Museum (Seção Rio), entidade filiada à UNESCO, Fernanda Camargo: "O MAM sempre foi um prato feito para os incêndios".

Maria Eliza Carrazoni contou que, "ao assumir a direção do Museu de Belas Artes (em 1970) entrei em pânico só de ver o desleixo com que era tratada a arte. Entre minhas primeiras medidas, mandei mudar toda a rede elétrica e, chocado, encontrei no porão

180 litros de combustíveis — gasolina e querosene — para limpeza".

Recém-chegada dos Estados Unidos, onde realizou pesquisa sobre museus para a Universidade do Texas, durante três meses, ela destaca que "no MAM, particularmente, havia múltiplas atividades, como o restaurante e a cinematoteca, o que deveria levar a redobrada atenção dos administradores. Máquinas ligadas e gente fumando, além da falta de disciplina quanto à segurança, tornou-o vulnerável".

Figueiredo muda caminho para ver

Ao ouvir pelo rádio do carro que o levava para o aeroporto que o MAM pegava fogo, o General João Baptista de Figueiredo fez questão de passar pelo Aterro do Flamengo informou seu assessor e presi-

dente da Embratur, Said Farah. "Passamos devagar e vimos o estrago feito, e ficamos imaginando que o acervo tinha sido todo perdido", explicou o Sr Farah, que garantiu o apoio da

Embratur para a recuperação do "patrimônio nacional" e a reconstrução do acervo. Lembrou que há pouco a Embratur e o MAM fizeram uma exposição de obras do Aleijadinho.